

SOLDADOS DA BORRACHA

Seringueiros da II Guerra querem ocupar terras doadas

Joaquim Monteiro
Da equipe do Correio

Cerca de 500 *ex-soldados da borracha* residentes em Rondônia (seringueiros que trabalharam na extração de látex durante a II Guerra Mundial, na década de 40) ameaçam invadir as reservas de Rio Ouro Preto (RO), no município de Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia, caso o governo não os indenize.

A área foi doada aos seringueiros no governo João Figueiredo. Cada um receberia 250 hectares. Em 1990, o então presidente José Sarney a transformou em reserva ecológica pelo Decreto nº 99.166, autorizando uma indenização no valor de CR\$ 250 milhões aos seringueiros.

Mesmo sem recursos e velhos, eles se organizam em comitês e recolhem donativos junto à população para custeio das futuras ações de posse das terras.

A Comissão de Apoio aos Ex-Soldados da Borracha (Caeb), formada por cinco vereadores de Gua-

jará-mirim, pediu recentemente ajuda financeira ao Bird (Banco Mundial), mas receberam um “não” como resposta.

O Banco Mundial financia, no Brasil, vários projetos de preservação ambiental, a maioria na região amazônica.

Segundo o deputado Ildemar Kussler (PSDB-RO), pelo valor da nova moeda, caberia a cada seringueiro, R\$ 800 por um lote de 250 hectares. Eles não concordaram com o valor estipulado.

Já que não ganham as terras, pedem R\$ 2 mil reais por hectare (10 mil metros quadrados), preço que consideram muito baixo — alegam que o subsolo das terras é rico em recursos minerais.

A área é rica em minérios, principalmente ouro, cassiterita, areia monazítica e urânio.

Como a indenização não foi paga até hoje, segundo afirmaram ao **Correio Brasileiro**, Francisco Brasil e Pedro Olímpio, representantes dos *ex-seringueiros*, eles vão tentar ocu-

par as terras.

História — O Instituto Nacional do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e associações de novos seringueiros da área não permitem nem mesmo que eles explorem os recursos naturais das terras.

Por isso, os *ex-soldados* apelam para o presidente Fernando Henrique Cardoso intervenha e faça valer as doações autorizadas no governo Figueiredo e pelo coronel Jorge Teixeira, à época governador de Rondônia.

Esses brasileiros, a maioria hoje com mais de 75 anos de idade, não têm condições físicas para a atividade extrativista. “Muitos perambulam pelas cidades da região mendigando”, desabafa Chico Brasil.

Brasil, que há 50 anos já percorria a Amazônia em busca do látex, foi mordido três vezes por cobras venenosas.

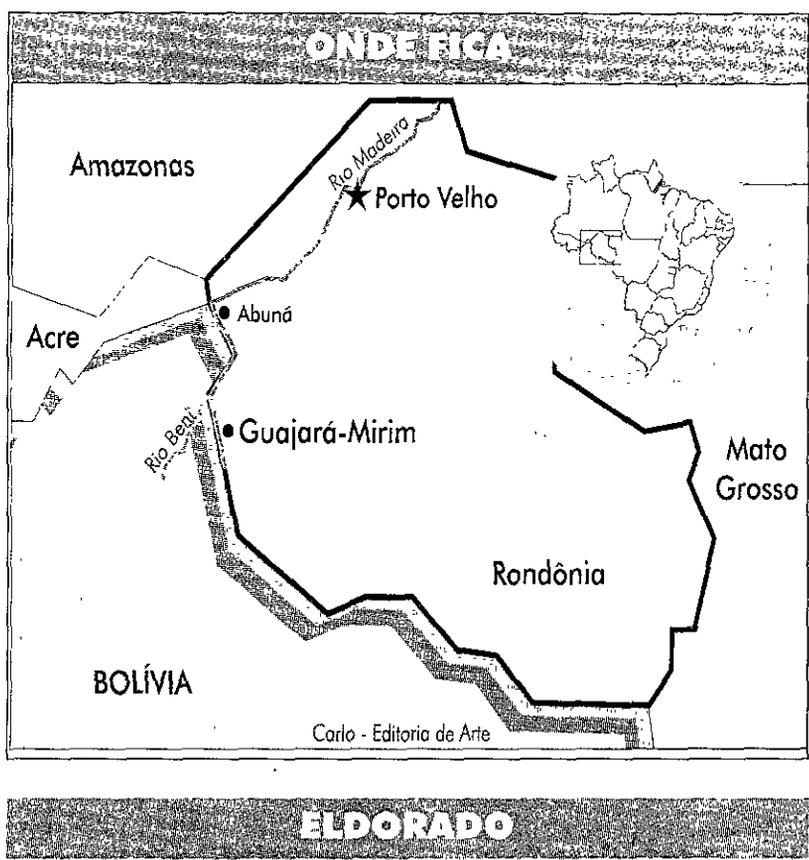
“A malária, quase sempre me visitava. Por milagre, escapei duas vezes das unhas de uma onça pintada”, conta o pioneiro.

Carlos Silva



Brasil (E) e Olímpio, representantes dos ex-seringueiros, querem de volta suas terras se não forem indenizados

FONTE: Correio Brasileiro
 Data: 11/2/96 Pa: cent
 Class.: 152



Ibama rebate as denúncias

O diretor de Recursos Naturais do Ibama, Aécio Gomes de Matos, rebateu as denúncias. Segundo ele, "o governo federal já indenizou as terras, de acordo com os acertos entre as partes", destaca.

Como as indenizações deviam ser efetuadas em março de 1992, e o Ibama não contava com recursos suficientes, elas foram feitas em outubro do mesmo ano. Aécio não soube dizer quanto foi pago à época.

A diferença de juros e correção monetária, calculada em cerca de R\$ 300 mil sobre o período entre março e outubro, será paga a partir deste mês, segundo Aécio Gomes.

Já o governador de Rondônia, Waldir Raup, informou por meio de assessores que o assunto relacionado às terras do Rio Ouro Preto é somente da esfera administrativa do governo federal.

O sonho virou miséria

Com o início da 2ª Guerra Mundial, em 1939, uma legião de nordestinos foi para a Amazônia trabalhar na exploração do látex, leite extraído da seringueira que serve para fabricação de borracha.

Enfrentando perigos de toda natureza, os "soldados da borracha", como são chamados, deram tudo de si para enriquecer — mas, principalmente, em apoio ao esforço de guerra. Muitos morreram, vítimas de emboscadas dos índios, ou pelas doenças da região, como febre amarela e malária.

Com o fim da guerra, em 45, a borracha começou a perder seu valor no mercado e os seringueiros ficaram sem o seu meio de vida.

Hoje, um quilo de látex custa apenas R\$ 0,90 e o seringueiro leva um mês para retirar 50 quilos.

Na Amazônia brasileira, ainda vivem 4 mil ex-seringueiros, a

maioria em Rondônia e Acre.

Alguns conseguiram constituir patrimônio, como é o caso de Antonio das Neves, hoje um próspero comerciante em Porto Velho (RO). Mas a maioria perambula pedindo esmolas.

O cearense Pedro Severo, que em 1940 foi para o Acre, trabalhar nos seringais, hoje explora o transporte fluvial com 8 barcos.

Deserdado — João Ferreira, o Mapinguari, que trabalhou nos seringais, não teve a mesma sorte. Ganha a vida contando histórias da Amazônia nas praças

Muitos morreram em emboscadas indígenas ou de malária

de Rio Branco, Acre.

Sua maior clientela é a juventude, curiosa por natureza.

A história preferida dele é a do Mapinguari, que seria uma espécie de gigante de um olho só, habitante das cavernas. Segundo a lenda, o Mapinguari se alimentava de carne humana (JM).